

*Vertentes e Interfaces II: Estudos Linguísticos e Aplicados***ATOS RETÓRICOS DE LINGUAGEM EM DISCURSOS  
DO ORADOR JESUS DE NAZARÉ***João Benvido Moura\***Max Silva da Rocha\*\**

**RESUMO:** Este trabalho analisa atos retóricos de linguagem do orador Jesus de Nazaré a partir do *ethos*, *logos* e *pathos*, trilogia aristotélica presente no discurso teológico do capítulo 8 do evangelho segundo João. Metodologicamente, servimo-nos de uma pesquisa de natureza básica quanto à finalidade; descritiva e interpretativista, quanto aos objetivos; e qualitativa, quanto à abordagem. Em seguida, procedemos às análises a partir de três atos retóricos de linguagem, os quais mostram o agir argumentativo entre orador e auditório. Os resultados mostram que Jesus, na condição de orador, recorre constantemente aos artifícios retóricos e argumentativos, aqueles baseados na trilogia aristotélica, a fim de lograr êxito em seu discurso. No entanto, o auditório também recorreu a técnicas argumentativas, objetivando destruir os argumentos do orador. Assim, percebemos que o orador Jesus não conseguiu persuadir, pois o auditório, próximo ao final do ato retórico, resolveu agir por meio da violência física ao invés de argumentar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Argumentação; Discurso teológico; Jesus de Nazaré; Persuasão

**Considerações iniciais**

São muitas as pesquisas que falam sobre Jesus de Nazaré (ARIAS, 2001; CROSSAN, 1994; EHRMAN, 2014; RENAN, 2004 [1863]; SCHWEITZER, 2003). Certamente, ele foi o homem de quem mais se escreveu ao longo do tempo. No entanto, quando pensamos nesse personagem histórico enquanto orador, notamos que ainda existe certa escassez de trabalhos que versem sobre as estratégias argumentativas desse persuasor religioso. Conforme o trabalho de Silva (2013), podemos observar as técnicas argumentativas do orador Jesus durante a proferição de seu sermão do monte (ou da montanha). Esse autor se pauta, especificamente, na tipologia dos argumentos persuasivos, ou seja, no *logos* propriamente dito. Questões ligadas ao *ethos* e ao *pathos* não são apreciadas, o que atesta a importância de também analisarmos essas categorias tão caras à retórica, ao ponto de serem chamadas de provas intrínsecas.

---

\* Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Universidade Federal do Piauí (Ufpi). Realizou estágio pós-doutoral na UFMG. Fundador e atual coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso (NEPAD/UFPI/CNPq).

\*\* Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Piauí (Ufpi). Professor da Universidade Estadual de Alagoas (Uneval) – Palmeira dos Índios.

Em Olímpio-Ferreira (2011), encontramos um extenso e profícuo trabalho sobre Paulo, o apóstolo dos gentios. Nesse estudo, o autor mostra de forma pormenorizada os procedimentos argumentativos que Paulo utilizou durante seus discursos ante vários auditórios. As análises são densas e o autor abarca uma grande quantidade de categorias argumentativas, a exemplo da tríade retórica. Ainda assim, Olímpio-Ferreira (2011) focaliza apenas o discurso paulino, o que coaduna com a ideia de existirem lacunas sobre Jesus, cuja habilidade e manejo com o discurso persuasivo indica que ele era um exímio orador. Diante disso, podemos asseverar a necessidade de estudar de que maneira acontecem os atos retóricos de linguagem<sup>1</sup> do orador Jesus diante de seu auditório a partir de estratégias argumentativas firmadas no tripé retórico *ethos*, *logos* e *pathos*, presentes massivamente no discurso teológico<sup>2</sup>. Para isso, selecionamos três atos retóricos de linguagem extraídos do evangelho segundo João, em algumas partes do capítulo 8, por meio das quais se aborda uma discussão conflituosa e polêmica entre Jesus e os fariseus, os chamados doutores da lei, que eram os guardiões<sup>3</sup> da religião judaica.

Ao fazermos esse recorte do *corpus*, almejamos mostrar a importância de categorias argumentativas postas no discurso com intenções persuasivas. Acerca do evangelho segundo João, conforme observa o historiador Ehrman (2014), temos que esse livro foi o último entre os chamados evangelhos a ser redigido; a data provável gira em torno de 90 a 95 d.C. Existe, assim, uma discrepância entre João e os outros evangelhos, sobretudo, no tocante a uma possível divinização de Jesus. Assim sendo, as discussões fundamentadas numa perspectiva de argumentação no discurso podem contribuir com um entendimento mais consistente sobre o conteúdo do livro, principalmente, no que concerne ao personagem Jesus enquanto orador religioso da Palestina do século I. As circunstâncias desse discurso se inscrevem na própria história do povo judeu do início de nossa era cristã.

Os excertos aqui analisados foram retirados da Bíblia Sagrada, em sua versão traduzida e corrigida por João Ferreira de Almeida, publicada em 1999, pela Sociedade Bíblica do Brasil. Sabemos que cada tradução possui caracteres diferentes, mas o contexto geral paira sobre os mesmos fenômenos linguageiros. Por tal escolha, não é nosso interesse afirmar que as

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, a designação atos retóricos de linguagem faz alusão à noção de “ato de linguagem” proveniente da Semiologia, em consonância com o “ato retórico”, proveniente da Retórica.

<sup>2</sup> “Na verdade, o discurso teológico, como os outros discursos constituintes, definem seu próprio lugar do dizer, ao enunciar. Por isso, posso dizer que, enquanto o discurso religioso é validado por uma instituição em função do posicionamento de seus atores, o discurso teológico se constitui como um ato enunciativo fundante, uma realidade única não objetivada pelo discurso religioso” (NASCIMENTO, 2020, p. 44).

<sup>3</sup> “Os sacerdotes tornam-se os guardiões e os professores do texto escrito sagrado no período do Segundo Templo. Eles eram professores da lei” (SCHNIEDEWIND, 2011, p. 264).

outras traduções sejam irrelevantes, ao contrário, cada qual apresenta diferentes contribuições. De nossa parte, selecionamos a versão que julgamos mais propícia aos nossos objetivos teórico-analíticos. Metodologicamente, seguimos uma pesquisa de natureza básica, com abordagem qualitativa e com critérios descritivos e interpretativistas, como defende André (2005). Analisamos o *corpus* a partir da argumentação, em permanente diálogo com os estudos aristotélicos e perelmanianos. Ressaltamos, ainda, as importantes contribuições dos estudos de Amossy (2020) sobre uma análise argumentativa no discurso.

Além das considerações iniciais e finais, este trabalho está dividido da seguinte maneira: na seção dois, apresentamos um breve percurso sobre aspectos históricos da vida de Jesus de Nazaré; na seção três, discorremos sobre as técnicas argumentativas do discurso persuasivo; na seção quatro, procedemos às análises das técnicas argumentativas utilizadas pelo orador Jesus; na seção quinta, apresentamos as nossas considerações (que não são) finais. Por tudo isso apresentado, esperamos que este trabalho possa, de alguma maneira, contribuir com os estudos da argumentação e, mais especificamente, ao que respeita às habilidades retóricas utilizadas pelo orador Jesus de Nazaré durante suas empreitadas persuasivas.

### **Jesus de Nazaré: um camponês judeu do mediterrâneo**

A nossa proposta é analisar de que maneira o orador Jesus de Nazaré, enquanto exímio orador, lançou mão de técnicas argumentativas (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958]) com o objetivo de lograr êxito durante os seus empreendimentos retóricos, materializados por meio de atos de linguagem (CHARAUDEAU, 2019), proferidos, especialmente, diante de seus alocutários na Palestina do século I. Conforme consta nas narrativas bíblicas, não foram poucas as vezes que Jesus entrou em controvérsias com os chamados fariseus, promovendo, assim, debates calorosos acerca de questões que envolviam nuances conflituosas pertencentes ao campo religioso e político. Durante esses debates intensos e conflitantes, verificamos que o jovem nazareno recorreu a vários procedimentos discursivos (CHARAUDEAU, 2019), os quais engatilharam certas visadas argumentativas (AMOSSY, 2020) por meio do discurso desse orador, objetivando, em última instância, convencer e persuadir o seu auditório idealizado. Por auditório, no escopo deste trabalho, entendemos “[...] o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação. Cada orador pensa, de uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 22, grifos dos autores).

Naquele momento, de acordo com as narrativas bíblicas, Jesus não queria uma religião judaica com “fardos pesados” e muito menos com “hipocrisia”. Assim sendo, vislumbramos, antecipadamente, uma questão deveras problemática, pois Jesus, sendo judeu, não aceitava as leis, os preceitos e as ordenanças do modo estabelecido pelos guardiões da religião judaica da época, isto é, pelos sacerdotes. Então, rapidamente, isso provocou uma grande polêmica<sup>4</sup> e, consecutivamente, diálogos conturbados entre Jesus e os doutores da lei. Podemos ver que, em momento algum, o orador Jesus agiu com violência física, muito pelo contrário, ele se utilizou da ideia de que argumentar é insurgir contra a força física (FERREIRA, 2015). Esse jovem camponês judeu do mediterrâneo buscou na arte retórica (ARISTÓTELES, 2011), enquanto arte de persuadir pelo discurso (REBOUL, 2004), as suas “armas”, objetivando negociar as diferenças (MEYER, 2007) e se defender das acusações a ele dirigidas, mas, também, de insuflar as suas ideias e pontos de vista para manter a adesão de seus seguidores e, obviamente, angariar novos integrantes ao seu modo de pensar a religião judaica de uma maneira totalmente diferente, sem os estatutos farisaicos.

Arias (2001) assegura que Jesus não foi uma pessoa que obedecia ao sistema opressor de sua época. O autor destaca que o nazareno era um inconformista que rompia com o sistema estabelecido. Sem dúvida, Jesus era um homem de extremos e um profeta que causava muitas inquietações nas pessoas, sobretudo, nas autoridades políticas e religiosas vigentes de seu tempo. Por causa disso e de outras atitudes polêmicas, Jesus era malvisto em Nazaré<sup>5</sup>, local onde nasceu. Mesmo sendo judeu, ele não se conformava com aquilo que achava discrepante na referida religião. Consequentemente, teve sérios atritos com a sua religião (Judaísmo), com as leis que oprimiam os homens e, principalmente, às mulheres, além da escravidão econômica encontrada no templo de oração, considerado, religiosamente, como a casa de Deus.

Para Renan (2004 [1863]), Jesus, quando começou a contestar as doutrinas judaicas, rompe com a sua religião e deixa de ser judeu. Neste momento, Jesus assume ser um revolucionário no mais alto grau e “conclama todos os homens para um culto baseado em sua única qualidade de filhos de Deus” (RENAN, 2004 [1863], p. 232). Ainda segundo o mesmo

---

<sup>4</sup> “A polêmica, porém, recorre sobretudo ao argumento *ad hominem* pessoal, por vezes denominado *ad personam*, que consiste em lançar dúvida sobre a pessoa do orador para desqualificar suas proposições” (AMOSSY, 2020, p. 167, grifos da autora).

<sup>5</sup> “Ele chega, ainda desconhecido, numa aldeola da Baixa Galileia. Encontra o olhar frio e duro de camponeses que vivem há muito tempo num nível de mera subsistência e sabem, portanto, onde fica a fronteira entre a pobreza e a miséria. Parece um mendigo, mas seus olhos não têm o aspecto servil que seria de esperar, sua voz não soa com os lamentos de costume e seu andar não é arrastado. Ele fala do domínio de Deus e os camponeses escutam mais por curiosidade do que outra coisa (CROSSAN, 1994, p. 11).

autor, Jesus era um profeta que gostava de estar no meio do povo, interagindo com seus seguidores. Em seu modo de pensar, as boas novas dos evangelhos eram feitas para os pobres, uma vez que esses formam o alvo da boa nova da salvação proclamada incessantemente por Jesus. Durante a sua vida, esse pregador acolheu aqueles que eram desprezados pelo Judaísmo Ortodoxo. Na verdade, como advoga Renan (2004 [1863]), eles eram os preferidos de Jesus, visto que “o amor ao povo, a piedade por sua impotência, o sentimento de chefe democrático, que sente viver nele o espírito da multidão e se reconhece como seu intérprete natural, manifestam-se em seus atos e discursos o tempo todo” (RENAN, 2004 [1863], p. 206).

Para Arias (2001, p. 204), “a grande revolução realizada por Jesus foi acabar com as formas de religião que escravizam o homem com suas exigências desumanas, abrindo-o para uma liberdade e uma esperança novas e inéditas”. Jesus representava uma espécie de revisor da religião judaica de seu tempo. Ele não tinha o objetivo de destruí-la, mas aperfeiçoá-la em muitos pontos. Provavelmente, Jesus acreditava na Lei de Moisés e amava o povo judeu, por isso a necessidade de moldar a religião judaica. Para isso, o jovem profeta da Galileia teve que ir de encontro às autoridades religiosas e políticas, as quais lhe perseguia incessantemente por causa dessa afronta. Como bem observa Schweitzer (2003, p. 44), “Jesus foi um reformador social” e isso lhe custou a própria vida.

Arias (2001) ressalta que Jesus não tinha papas na língua e sempre usou a linguagem, o discurso de forma dura e provocadora. Isso agitava as consciências de seus adversários. Como um bom orador, ele sabia manejar o discurso de maneira habilidosa, mesmo que agisse de forma vociferada contra o sistema dominante de seu tempo.

Jesus, que não foi sacerdote nem membro da classe dominante de seu tempo, nem amigo dos poderosos, tendo chegado a qualificar Herodes de “raposa”, não suportava o peso de uma ordem política e social que estava a serviço dos mais abastados, marginalizando aqueles que não tinham recursos. Demonizou aquela sociedade que considerava impuros todos os doentes e aleijados e lhes negava qualquer ajuda, sustentando que seus males eram um castigo por seus pecados (ARIAS, 2001, p. 193).

Como vemos, Jesus possuía um punhado de ideias revolucionárias e, se vivesse na atualidade, seria considerado um militante em prol das lutas sociais e ideológicas. Todavia, em virtude das circunstâncias contextuais da época, é importante explicarmos que, em nenhum momento, ele pode ser taxado como um revolucionário político-social de linha dura, extremista, que incitava as pessoas contra o poder da época. Na verdade, não há registro desses aspectos nos textos bíblicos, tampouco nos históricos. Conforme Arias (2001), Jesus era profundamente judeu e tinha gestos de ternura para com os doentes, as prostitutas, as

crianças, os marginalizados, ou seja, todos aqueles que eram, de alguma maneira, oprimidos e excluídos pela sociedade. De todo modo, Jesus de Nazaré rompe com esse modelo de Judaísmo que condenava a todos, principalmente, os que eram duramente acometidos pelas mais diversas necessidades. “Os pobres, para ele e para a sociedade daquele tempo, eram os mendigos, os sem casa e sem trabalho, os leprosos que viviam à beira das estradas, os famintos da verdade, isto é, os que morriam de fome” (ARIAS, 2001, p. 189).

Taylor (2010) especula que o aspecto mais importante na concepção de religião dentro do Cristianismo é o fato de admitir a presença de gentios, ou seja, de pessoas sem linhagem judaica. Isso é um fato que separa completamente o Cristianismo do Judaísmo. Para o referido autor, o Cristianismo surge nesse ambiente bem definido, que era social e politicamente marginal. Assim, a presença de Jesus nesse meio foi o gatilho propulsor para suscitar uma mudança radical nas estruturas religiosas que existiam naquele momento da história. Na época de Jesus, conforme pondera Crossan (1994), só existia apenas um único tipo de Judaísmo, o helenista. Este, por sua vez, era caracterizado por toda antiguidade e tradição de vertente cultural, baseada na linha greco-romana. Certamente, esse Judaísmo helenista era fortalecido pelo poder armado e por uma ambição imperial predominante no primeiro século de nossa era.

Arias (2001) ressalta que Jesus de Nazaré parecia ser um judeu inconformista, crítico e uma espécie de mago que curava todos os doentes que lhe procuravam. As curas eram realizadas mais por compaixão/piedade do que por gosto de realizar prodígios, milagres. Além disso, ele tinha força para expelir demônios de pessoas possesas. Muitos chegaram até mesmo a negar a possibilidade de o nazareno realizar milagres, “mas seria de estranhar que as pessoas o seguissem apenas por causa das pregações, que muitas eram-lhes incompreensíveis, e não pelas curas que realizava. Sem dúvida, foi um taumaturgo e um exorcista” (ARIAS, 2001, p. 67).

Os milagres que talvez Jesus tenha realizado despertavam emoções, sentimentos, paixões nas pessoas que lhe seguiam, uma vez que “os homens julgam muito mais por ódio, amor, desejo, cólera, dor, alegria, esperança, temor, perplexidade ou alguma outra excitação da mente do que pela verdade, uma prescrição, alguma norma legal, fórmula processual ou por leis” (CÍCERO, 2009, p. 221). Primeiro, despertava surpresa por ver um camponês judeu vindo de Nazaré, uma aldeia extremamente desvalorizada, realizando muitos prodígios sobrenaturais. Segundo, despertava admiração e medo porque se tratavam de fenômenos considerados mágicos. Em seu tempo, o profeta galileu era considerado um grande mago com poderes sobrenaturais desconhecidos. Isso possivelmente explica as decepções que os

seguidores de Jesus passaram quando ele foi detido, julgado, condenado, torturado e crucificado<sup>6</sup>. Ora, pensava-se que se realmente tinha poderes, poderia, então, se livrar da morte. No entanto, não foi isso o que aconteceu e tudo culminou com o despertar de um grande desapontamento<sup>7</sup>. Os primeiros seguidores “acreditavam que o Mestre seria o novo Rei dos judeus, um rei vitorioso que esmagaria todos os seus inimigos e os invasores romanos” (ARIAS, 2001, p. 68).

Mesmo sendo um simples camponês judeu do mediterrâneo, vindo de Nazaré, Jesus não se comportava da mesma maneira que seus conterrâneos, uma vez que tinha um ideário muito diferente, isto é, de revolucionário, de alguém que apregoava a emancipação, a libertação daqueles que estavam sendo explorados e subjugados passivamente pelos sistemas religioso e político da época. Ehrman (2014) postula que escavações arqueológicas atestam que a aldeia de Nazaré não possuía características de riqueza, mas sim de um pequeno povoado humilde. “Portanto, Jesus muito provavelmente foi criado em condições de relativa pobreza. Ele tinha irmãos e, provavelmente, irmãs. Sua família era da classe trabalhadora” (EHRMAN, 2014, p. 277). Talvez, por fazer parte da classe<sup>8</sup> oprimida, Jesus se tornou um grande defensor dos mais necessitados e lutava para que as pessoas, assim como ele, pudessem ser valorizadas.

Taylor (2010) salienta que Jesus foi batizado por João Batista e que o início de seu ministério se deu nesse exato momento. Assim, Jesus se tornou sucessor de João, mesmo com um estilo totalmente distinto de seu primo. Jesus era multifacetado e, por meio dos seus ensinamentos deveras persuasivos, conseguiu atrair uma grande multidão de seguidores, razão por que despertou a ira de muitas autoridades sacerdotais e políticas. Já Ehrman (2014) pontua que Jesus foi um profeta judeu que pregava o Reino de Deus e a iminência do fim do mundo. Isso provocou a ira das lideranças religiosas e civis da Judeia, por isso que o jovem profeta foi crucificado sob a acusação de ser um revoltoso contra o Estado.

Ehrman (2014) enfatiza que a maioria dos especialistas do mundo tem consenso entre vários pontos, como o entendimento de que Jesus foi um homem nascido na Religião Judaica, portanto, judeu por nascimento; era reconhecido popularmente como pregador e mestre; foi assassinado por meio da crucificação, que era uma forma romana de execução; a crucificação aconteceu durante o reinado do então imperador Tibério, quando Pilatos

---

<sup>6</sup> “Crucificação era a forma de punição comum imposta pelos romanos e podia ser usada com criminosos condenados pelas autoridades romanas” (EHRMAN, 2014, p. 118).

<sup>7</sup> “Esta foi a escola de Jesus, veio salvar a humanidade inteira, e não saiu da Palestina! Veio salvar a História toda e viveu só trinta anos!” (MESTERS, 2013, p. 18).

<sup>8</sup> “Jesus andava em todas as cidades, povoados e aldeias da Galileia, mas nos evangelhos não consta que tenha entrado em Tiberíades, a cidade dos palácios do Rei, onde vivia o pessoal de roupa finas” (MESTERS, 2013, p. 38).

governava a Judeia. Todos esses aspectos são de comum acordo entre os estudiosos que se debruçam sobre a Antiguidade. O autor ainda destaca que Jesus foi uma pessoa muito presa em sua própria época e lugar. Assim, como um judeu palestino do século I, possuía um entendimento fundamentado numa visão judaica bem antiga; e que o Jesus atual, ovacionado por pregadores e teólogos, nunca existiu. O que existiu foi um Jesus histórico, que foi um homem típico de sua época. Sobre esse é possível saber como ele era e como agia na sociedade de seu tempo.

Os muitos seguidores de Jesus não eram pessoas ignorantes ou alienadas. “Jesus deixou pensadores e não memorizadores; discípulos, e não recitadores; pessoas, e não papagaios” (CROSSAN, 1994, p. 30). Em virtude disso que essas pessoas deram continuidade ao projeto do Reino de Deus, proclamado nas palavras de Jesus de Nazaré. No entendimento de Crossan (1994), o Reino de Deus pode ser definido como um grupo de pessoas que está sob o controle divino e, por isso, transcende e condena todo tipo de poder que emana do ser humano. Para o autor, era este o fio condutor dos ensinamentos jesuânicos. O nazareno era um grande orador e tinha um alto conhecimento da Torá, que era um compilado com cinco livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. As elites romanas, bem como as autoridades judaicas constituídas por fariseus, escribas, saduceus, entre outros, classificavam Jesus como um herege, ou seja, alguém que desestabilizava todo o sistema por proclamar um reino muito diferente daquilo que as pessoas acreditavam por intermédio do Judaísmo e da Torá<sup>9</sup>.

Esse Jesus histórico postulava que “um dia haveria um ato de poder divino transcendental que, depois de destruir todos os perversos impérios pagãos, estabeleceria o domínio da justiça e da santidade, que regeria a humanidade para sempre” (CROSSAN, 1994, p. 324). Assim, as autoridades pensavam que perseguindo, prendendo e matando Jesus, estariam, de algum modo, acabando, de uma vez por todas, com essas ideias “heréticas”, propagadas pelo camponês nazareno. Realmente, o discurso de Jesus ia de encontro aos ditames da sociedade da época. O que futuramente iria acontecer com o camponês do mediterrâneo talvez era “tão previsível quanto o que acontecera a João. Seria de se esperar que houvesse algum tipo de execução político-religiosa. O que ele fazia e dizia era tão inaceitável no século I quanto no século XX, lá, aqui, ou em qualquer lugar” (CROSSAN, 1994, p. 12). O discurso jesuânico

---

<sup>9</sup> Na tradição rabínica, a Torá, que é para ‘todo o Israel’, consiste no texto escrito e na tradição oral, que têm respectivamente suas duas colunas no Pentateuco e na Mishná. O propósito fundamental da Torá e dos preceitos é a aceitação do ‘jugo do reino do céu’ e do ‘jugo dos mandamentos’, que libertam do jugo da natureza” (TAYLOR, 2010, p. 33).



era revolucionário, razão pela qual também suscitava o ódio das lideranças religiosas e políticas que governavam a sociedade daquele período.

A perseguição perpetrada pelas autoridades romanas e judaicas era implacável e levou Jesus ao que se presumia: à morte. No entanto, a morte desse homem considerado herege, mentiroso e possesso por demônios, influenciou muitos povos por todo o mundo afora e criou, desse modo, o Cristianismo, sobretudo com as peregrinações do apóstolo Paulo, outro grande persuasor, como mostra o eficiente trabalho de Olímpio-Ferreira (2011). Muitas pessoas que tinham experimentado o poder “divino através de sua visão e de seu exemplo continuaram a sentir isso depois de sua morte – na verdade, esse sentimento ficou ainda mais forte, pois agora não estava confinado a um determinado tempo e lugar” (CROSSAN, 1994, p. 13). Foi por meio de Jesus e de seus discípulos que o Cristianismo apareceu na Palestina e se mantém vivo até os dias atuais como a religião que mais tem seguidores no mundo.

Jesus, de acordo com Crossan (1994), era um homem atópico, pois deslocava-se constantemente de um lugar para o outro. Ele tinha algum diferencial, visto que sempre ia ao encontro das pessoas, ao invés de esperar que elas fossem até o intitulado profeta. Isso contribuía para que as pessoas acreditassem em sua imagem positiva construída pelo discurso e passassem a segui-lo. Além disso, as possíveis curas milagrosas que realizava chamavam a atenção de todos. “Creio que o aspecto mágico e milagreiro de Jesus era um fenômeno problemático e controverso não só para os seus inimigos, mas também para os seus amigos” (CROSSAN, 1994, p. 348). Os aspectos milagreiros de que trata o autor suscitavam o ódio dos principais líderes religiosos e, com isso, incitavam as duras perseguições contra esse mestre.

Certamente, Jesus realizava várias curas, vários exorcismos, inclusive, em dia de sábado, o que era proibido pelas leis judaicas. Quem desobedecesse era digno de penalizações e até mesmo de morte. Crossan (1994, p. 368) é categórico ao afirmar que “Jesus era um exorcista e um curandeiro”. Essas duas características eram intrínsecas às práticas que Jesus realizava durante seu polêmico ministério. Ao que tudo indica, Jesus expulsava espíritos malignos e realizava muitas curas diante de todos, como narram os escritos bíblicos. Os diálogos calorosos entre Jesus e os líderes religiosos ocorreram em diversos momentos e sobre diversos assuntos, mas iremos analisar apenas três momentos do capítulo 8 do evangelho segundo João, com o intuito de verificar de que maneira o mestre do Cristianismo conseguia, por meio de diversos recursos agir retoricamente diante do seu auditório destinatário.

### As técnicas argumentativas do discurso retórico

Neste estudo, tomamos a retórica como “a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de propósito para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função” (ARISTÓTELES, 2011, p. 44). E a argumentação como “o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 4). Perseguindo essas duas definições, assumimos que a argumentação retórica fornece um quadro teórico-metodológico profícuo à análise de discursos religiosos, até porque “o discurso religioso é repleto de argumentação” (FERREIRA, 2015, p. 89). Nesse sentido, com o fito de apresentarmos uma análise consistente acerca dos atos retóricos de linguagem utilizados pelo orador Jesus de Nazaré, buscaremos mobilizar o instrumental analítico da retórica, com as contribuições de uma análise argumentativa do discurso, como preconiza Amossy (2020).

Em Amossy (2020), encontramos uma abordagem relativamente nova acerca da argumentação retórica. A autora francesa inscreve a argumentação no quadro teórico-metodológico da análise do discurso contemporânea e elenca seis abordagens específicas de sua teorização. A primeira abordagem é linguageira, pois todo ato de linguagem se realiza por meio de recursos linguísticos; a segunda é comunicacional, uma vez que toda argumentação é interlocutiva e se dirige a um determinado auditório; a terceira é dialógica, visto que toda argumentação almeja agir sobre algum auditório; a quarta é genérica, pois a argumentação sempre se realiza mediante um gênero discursivo; a quinta é figural, à medida que a argumentação se utiliza do poder das figuras retóricas para agir sobre o outro; e a sexta é textual, haja vista que a argumentação se concretiza por meio de texto, enquanto materialidade linguística concreta de manifestação de sentidos.

Partindo desses novos enquadres teóricos, Amossy (2020) faz uma distinção pormenorizada entre dimensão argumentativa e visada argumentativa. A primeira ocorre quando existe uma “simples transmissão de um ponto de vista sobre as coisas, que não pretende expressamente modificar as posições do alocutário, não se confunde com uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente [...]” (AMOSSY, 2020, p. 44). A segunda ocorre quando há um claro intento de convencer e persuadir o alocutário por meio do discurso. “Uma defesa no tribunal tem uma nítida visada argumentativa: seu objetivo principal é fazer admitir a inocência do acusado cujo advogado tem por tarefa defendê-lo, ou apresentar circunstâncias atenuantes que diminuirão sua pena” (AMOSSY, 2020, p. 44). Neste estudo, privilegiaremos as visadas argumentativas em detrimento da dimensão argumentativa, pelo fato de entendermos que o orador Jesus se serviu desse modelo durante sua

argumentação contra os fariseus. Mesmo assim, sabemos que a dimensão argumentativa está presente em nosso objeto, haja vista os vários aspectos persuasivos no discurso religioso bíblico.

Amossy (2020), em sua obra “A argumentação no discurso”, afirma que buscou reformular e ampliar a definição de argumentação cunhada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]). A autora francesa apresenta o seguinte conceito para argumentação:

[...] os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema. (AMOSSY, 2020, p. 47)

A nosso ver, essa definição postulada pela autora francesa não inova muito, tendo em vista que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) chamam esses “meios verbais” de “recursos discursivos”, para agir sobre os espíritos, a fim de que aceitem uma tese que é apresentada ao assentimento. Em seguida, quando a autora fala acerca do “questionamento sobre um dado problema”, vemos que o filósofo belga Meyer (2007) já havia falado sobre isso quando afirma que a retórica “[...] é a análise dos questionamentos que são feitos na comunicação interpessoal e que a suscitam ou nela se encontram” (MEYER, 2007, p. 26). Para nós, ousadamente, a conceituação de Amossy (2020) não inova muito em relação a de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), mas apenas compila as ideias existentes desses autores e as de Meyer (2007) e as coloca no quadro teórico da análise do discurso. De todo modo, afirmamos que soa um pouco problemático o fato de a autora francesa afirmar categoricamente que sua proposta se trata de uma nova definição reformulada e até mesmo ampliada.

Em se tratando especificamente das técnicas argumentativas, postulamos que iremos trabalhar com a trilogia *ethos*, *pathos* e *logos*. Obviamente, são conceitos originados em Aristóteles (2011), considerados provas artísticas. O mestre grego e discípulo de Platão afirma que existem três meios de persuasão. “O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espíritos; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar” (ARISTÓTELES, 2011, p. 45). Assim, o *ethos* diz respeito à imagem de si, que é construída por meio do discurso argumentativo; o *pathos* é constituído por meio do mover das paixões e emoções que afloram a alma humana; o *logos* corresponde ao componente racional, lógico, ou seja, ao plano discursivo propriamente dito, manifestado por argumentos.

Esses três ingredientes da ação retórica sofreram atualizações dentro do quadro teórico e metodológico da análise do discurso. Autores como Amossy (2020), Charaudeau (2018) e

Maingueneau (2008) propuseram novas formulações para esses conceitos aristotélicos. Dominique Maingueneau, sem dúvidas, é o autor que mais abordou a questão do *ethos* no âmbito de sua análise do discurso; Ruth Amossy incorpora essa noção em sua análise argumentativa do discurso, mas parece seguir as ideias de Maingueneau; já Patrick Charaudeau preferiu seguir carreira solo, com sua teoria semiolinguística de análise do discurso. Um aspecto interessante é que Charaudeau (2018) propicia uma tipologia sobre o *ethos* e classifica diferentes *ethé* em dois polos: credibilidade e identificação.

Para nós, criar uma prateleira prévia sobre o *ethos* é um pouco arriscado, pois essa categoria é uma construção que se dá indutivamente no discurso e não de forma exterior. O *ethos* não é uma pessoa de carne e osso, visto que ele surge mediante o discurso de um orador (PIRIS, 2012). Quanto ao *pathos*, percebemos que Amossy e Maingueneau embora falem sobre isso, não abordam demasiadamente essa categoria. Já Charaudeau (2010) fala sobre os efeitos patêmicos, ou seja, o poder das emoções por meio do discurso. O autor aborda que a patemização está ligada às crenças e que, portanto, a uma subjetividade partilhada.

Ainda assim, pensamos que, na atualidade, mas no escopo do *pathos* retórico, os estudos de Figueiredo (2020) correspondem favoravelmente às análises das paixões presentes nos mais diversos discursos retóricos. A autora, de modo claro, dinâmico e inovador, promulga uma “Trajetória das Paixões”. Essa teoria, calcada nos postulados de Aristóteles (2011), é, em nosso entendimento, um eficiente instrumento de análise dos movimentos passionais que permeiam as mais diversas querelas emocionais. Longe de negar a importância das outras teorizações, notamos que essa trajetória passional contribui com o nosso objeto de estudo, com o intuito de conhecer as visadas passionais do discurso religioso bíblico.

Por tudo isso apresentado, ensejamos desvelar o tripé retórico *ethos*, *pathos* e *logos*, enquanto técnicas argumentativas, presentes em atos retórico-linguísticos do orador Jesus de Nazaré. Lançaremos mão desses conceitos mesclados entre a argumentação retórica e análise argumentativa do discurso. Acreditamos que uma não anula a outra, haja vista que todas elas, pelo menos em torno do *ethos*, *pathos* e *logos*, são filiadas ao pensamento pioneiro de Aristóteles (2011), o que chancela esse permanente diálogo entre essas teorias. Rocha e Moura (2021) estabeleceram um eficiente diálogo entre argumentação e discurso e mostraram, de forma pormenorizada, as contribuições dessa interdisciplinaridade. Portanto, nossos procedimentos analíticos comungam sobre esses posicionamentos que, de algum modo, se relacionam amistosamente por ocasião de discursos incorporados a elementos que visam, em última instância, à persuasão de um determinado auditório.

## Jesus de Nazaré e suas técnicas argumentativas

Nesta seção, apresentamos as análises acerca dos atos retóricos de linguagem selecionados para a realização deste trabalho. Os trechos escolhidos estão no evangelho segundo João no decorrer do capítulo 8. Como se trata de um artigo científico, gênero acadêmico que apresenta uma extensão relativamente pequena, não podemos analisar todo o capítulo, por isso selecionamos tão somente três momentos retóricos. Perseguindo esse caminho, procuramos selecionar os fragmentos a partir do sistema retórico. Assim, o primeiro excerto diz respeito ao exórdio, que é o início da argumentação; o segundo refere-se à narração e/ou confirmação, cuja parte diz respeito ao desenvolvimento das ideias; e o terceiro se realiza na peroração, que é a parte final dos discursos. De posse dessas informações, o ato retórico marca, aos olhos do analista, as estratégias argumentativas apresentadas por meio do discurso persuasivo. É com base nisso que buscamos desvelar as possíveis visadas argumentativas nos atos retóricos de linguagem a seguir.

### Ato retórico de linguagem 1:

Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida. Disseram-lhe, pois, os fariseus: Tu testificas de ti mesmo; o teu testemunho não é verdadeiro. Respondeu Jesus, e disse-lhes: Ainda que eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei de onde vim, e para onde vou; mas vós não sabeis de onde venho, nem para onde vou. Vós julgais segundo a carne; eu a ninguém julgo. E, se na verdade julgo, o meu juízo é verdadeiro, porque não sou eu só, mas eu e o Pai que me enviou. E na vossa lei está também escrito que o testemunho de dois homens é verdadeiro. Eu sou o que testifico de mim mesmo, e de mim testifica também o Pai que me enviou. Disseram-lhe, pois: Onde está teu Pai? Jesus respondeu: Não me conheceis a mim, nem a meu Pai; se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai. (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 84)

Nesse primeiro ato retórico, verificamos que Jesus de Nazaré interpela seu auditório e suscita uma imagem de si (*ethos*) fundamentada na figura do guia-profeta<sup>10</sup>, pois se apresenta como alguém que tem a capacidade de guiar seu povo a um futuro expressamente próspero e benéfico. Como fiador dessa promessa, o orador, mediante o argumento por metáfora, afirma ser “a luz do mundo” e promete aos seus possíveis seguidores, sob a condição de lhe seguirem, que não andarão “em trevas” e terão “a luz da vida”. Essas visadas argumentativas insufladas por esse orador religioso também se fundamentam no campo passional, tendo em

---

<sup>10</sup> “O guia-profeta é aquele que, ao mesmo tempo, é fiador do passado e é voltado para o futuro, para o destino dos homens. Ele se parece com o guia-pastor em seu papel de agregador, mas o pastor é mais ancorado no aqui-agora, enquanto o profeta se encontra em um além. O pastor é ainda um ser de silêncio, enquanto o profeta é uma palavra, uma voz” (CHARAUDEAU, 2018, p. 155).

vista que Jesus busca suscitar a paixão da confiança em seu auditório. Ora, esses possíveis ganhos prometidos pelo orador só se realizarão se o auditório crer no discurso proferido e agir de acordo com o que prescreve Jesus. Assim, vemos, inicialmente, a mobilização da trilogia retórica (*ethos, logos, pathos*) como mecanismo desse exórdio da argumentação em tela.

Em seguida, podemos ver o embate entre o orador e seu auditório. Para refutar a proposição lançada por Jesus, os fariseus disseram: “Tu testificas de ti mesmo; o teu testemunho não é verdadeiro”. Constatamos que os fariseus se utilizaram do argumento *ad hominem*<sup>11</sup>, visto que destacam uma possível contradição no discurso de Jesus. Para os fariseus, o discurso do orador não tem sustentação porque ele mesmo é o enunciador e se enaltece. Adiante, Jesus lança uma réplica e argumenta: “Ainda que eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei de onde vim, e para onde vou; mas vós não sabeis de onde venho, nem para onde vou”. Neste trecho, vemos que Jesus novamente evoca um *ethos* de guia-profeta, projetando ser alguém pertencente a um plano sobrenatural. Notamos, também, que Jesus se utiliza do argumento *ad hominem*, com o objetivo de destruir a argumentação dos fariseus por ocasião da afirmativa: “vós não sabeis de onde venho, nem para onde vou”. Jesus desqualifica o discurso dos fariseus e busca garantir o seu prestígio enquanto mestre religioso, mostrando uma possível contradição no discurso dos doutores religiosos.

O orador complementa a sua argumentação ao enunciar: “Vós julgais segundo a carne; eu a ninguém julgo. E, se na verdade julgo, o meu juízo é verdadeiro, porque não sou eu só, mas eu e o Pai que me enviou. E na vossa lei está também escrito que o testemunho de dois homens é verdadeiro”. No caso em questão, vemos o esforço de Jesus em criar uma imagem positiva de si e, ao mesmo tempo, criar uma imagem negativa dos fariseus. O desacordo se dá porque Jesus afirma que os fariseus julgam segundo a carne. Percebemos que o orador Jesus se utiliza do argumento a pessoa e seus atos para mostrar a maneira equivocada de agir dos fariseus. Nesse ponto, cabe evidenciar que Jesus se diz não julgar, mas quando o faz tem o crivo de seu Pai, no caso, Deus. O efeito desse ato retórico de linguagem é fundamentado no argumento de autoridade, pois o jovem orador recorre ao prestígio do “Pai” para afirmar que seu julgamento é verdadeiro. Como ônus da prova argumentativa, Jesus ressalta: “E na vossa lei está também escrito que o testemunho de dois homens é verdadeiro”. Neste momento, Jesus recorre a uma prova extrínseca ao ato retórico, baseada em um documento escrito, com o desejo de atestar as suas posições e seus argumentos. A lei dos fariseus também

---

<sup>11</sup> “O uso do argumento *ad hominem* que consiste em pôr o interlocutor em contradição com suas próprias afirmações [...]” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 126, grifos dos autores).

se configura como um argumento de autoridade utilizado por Jesus a favor de seu empreendimento retórico.

Finalizando este primeiro ato retórico de linguagem, temos a seguinte asserção: “Eu sou o que testifico de mim mesmo, e de mim testifica também o Pai que me enviou. Disse-lhe, pois: Onde está teu Pai? Jesus respondeu: Não me conheceis a mim, nem a meu Pai; se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai”. Aqui, podemos observar que Jesus ratifica o seu *ethos* positivo e traz ao seu discurso um segundo nome “Pai”, que contribui com esse processo argumentativo. Como vimos no início desse ato retórico de linguagem, os fariseus postulavam que o testemunho de Jesus não era válido porque ele mesmo falava de si. De forma habilidosa, o orador Jesus evoca o “Pai” com o objetivo de ter uma outra pessoa que comprove seu discurso. Assim, novamente o argumento de autoridade, baseado no prestígio divino, é mobilizado discursivamente para convencer e persuadir o auditório visado. No entanto, os fariseus questionaram onde estava o “Pai” de Jesus, para o que este respondeu: “Não me conheceis a mim, nem a meu Pai; se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai”. Esse contra-argumento de Jesus é efetivado por meio do argumento quase lógico da transitividade, pois conforme o orador, existe uma relação de igualdade muito íntima entre Jesus e o “Pai”, ao ponto de quando se conhecer um, por consequência disso, também será possível conhecer o outro, simultaneamente, por meio da transitividade.

Neste primeiro ato retórico de linguagem, constatamos o embate discursivo entre o orador Jesus e seu auditório, constituído pelos fariseus. As técnicas argumentativas utilizadas por meio do discurso estão postas por meio da tríade *ethos*, *pathos* e *logos*. Com o *ethos*, notamos as construções de imagens de si; com o *pathos*, observamos a tentativa de Jesus em suscitar a confiança do auditório; e com o *logos*, verificamos o encadeamento dos argumentos persuasivos, seguindo a tipologia perelmaniana.

## Ato retórico de linguagem 2:

Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Eu retiro-me, e buscar-me-eis, e morrereis no vosso pecado. Para onde eu vou, não podeis vós vir. Diziam, pois, os judeus: Porventura quererá matar-se a si mesmo, pois diz: Para onde eu vou não podeis vir? E dizia-lhes: Vós sois de baixo, eu sou de cima; vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo. Por isso vos disse que morrereis em vossos pecados, porque se não crerdes que eu sou, morrereis em vossos pecados. Disse-lhe, pois: Quem és tu? Jesus lhes disse: Isso mesmo que já desde o princípio vos disse. Muito tenho que dizer e julgar de vós, mas aquele que me enviou é verdadeiro; e o que dele tenho ouvido, isso falo ao mundo. (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 85)

Neste segundo momento retórico de linguagem, o orador Jesus de Nazaré continua suscitando uma imagem crível de si. A todo momento, notamos que uma das principais estratégias argumentativas desse orador é criar uma imagem negativa (*anti-ethos*<sup>12</sup>) dos doutores da lei, justamente por esses não crerem que ele é um profeta enviado por Deus. Em seguida, Jesus assevera: “Eu retiro-me, e buscar-me-eis, e morrereis no vosso pecado”. Como podemos notar nesse ato retórico de linguagem, o orador mostra que o auditório precisa dele para que não morra de maneira pecaminosa. Assim, novamente Jesus desperta um *ethos* de guia-profeta, ou seja, de alguém que pode contribuir espiritualmente para que os fariseus não pereçam em virtude de seus pecados, já que Jesus poderá resolver tais problemas que afligem a vida dos mestres da lei. No entanto, isso só será possível se os fariseus permitirem ser persuadidos. O orador ainda fala do futuro, ao dizer que os fariseus irão em sua busca, mas não obterão êxito, uma vez que o resultado final será a morte. Essas asserções ratificam a ideia de que o orador é um profeta, alguém que consegue falar sobre as coisas que ainda estão por vir. É possível observarmos que o orador ainda se utiliza do argumento do desperdício, visto que não adiantará em nada os esforços posteriores dos fariseus para buscarem as be-nesses de Jesus. Será tarde demais, segundo as palavras do jovem nazareno.

O orador, ao continuar sua argumentação polêmica e conflituosa, mostra que o auditório pertence a um plano meramente terreno, mas ele a um plano espiritual. Essa formulação pode ser apreendida por meio da seguinte enunciação: “Para onde eu vou, não podeis vós vir”. Notamos aqui que o orador se coloca como alguém pertencente a um nível muito elevado, ao passo que o auditório, mesmo sendo inteligente, composto por doutores, especialistas em religião, não pode alcançar esse mesmo nível. O peso desse argumento fundamentado na dissociação de noções (céu e terra) se manifesta no nível discursivo, objetivando despertar no auditório a necessidade de mudar de opinião, sentir, crer e seguir os ensinamentos jesuânicos. Nesse sentido, novamente o orador se apresenta com uma imagem de si pautada na ideia de guia-profeta, capaz de conduzir o auditório ao céu e livrá-lo dos seus pecados. Os fariseus replicaram esse discurso de Jesus por meio do argumento *ad hominem* e ressaltaram: “Porventura quererá matar-se a si mesmo, pois diz: Para onde eu vou não podeis vir?”. Verificamos que o auditório demonstra incisivamente não acreditar que Jesus possa ter qualquer ligação com Deus, muito menos poderes espirituais. Por isso, indica que tal argumentação é contraditória e se destrói por si mesma, ao lançar o argumento *ad hominem*.

---

<sup>12</sup> Segundo Piris (2012, p. 46, grifos do autor), “A construção do *ethos* não só remete a um *anti-ethos*, como também se apoia na construção do *anti-ethos* ou *anti-ethé*”. É uma imagem negativa do outro.



Como réplica, Jesus tenta aumentar suas chances de provocar a adesão de seu auditório e argumenta: “Vós sois de baixo, eu sou de cima; vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo. Por isso vos disse que morrereis em vossos pecados, porque se não credes que eu sou, morrereis em vossos pecados”. Novamente, o orador amplifica mais ainda a sua imagem de si (*ethos*) como alguém que não pode ser considerado do plano terreno, pecaminoso. Jesus se mostra, via discurso e por meio de expressões fastidiosamente repetidas, como um líder espiritual que tem poderes sobrenaturais vindos de “cima” e de “outro mundo”. Em contrapartida, postula uma imagem negativa (*anti-ethos*) do auditório, já que este é de “baixo” e “deste mundo”. Ao mesmo tempo, Jesus se utiliza do argumento por dissociação de noções (baixo, cima, terra, céu), para agir argumentativamente. Assim sendo, Jesus se encontra num lugar de prestígio, na condição de mestre, guia-profeta; e o auditório, na condição de que necessita seguir os ensinamentos do orador para se livrar dos pecados e não morrer. Todavia, o que podemos notar é um auditório que se posiciona contra a argumentação do orador.

Ademais, Jesus justifica seu discurso anterior: “Por isso vos disse que morrereis em vossos pecados, porque se não credes que eu sou, morrereis em vossos pecados”. As visadas argumentativas forjadas pelo orador nessa períclope mostram que ele interpela constantemente o auditório para que este acredite e realize ações, conforme os desígnios orientados no discurso retórico. O orador tenta despertar a paixão da confiança no auditório, mas este se mostra irreversível ao discurso proferido. Então, Jesus adiciona um argumento pragmático, ao dizer que a crença nele surtirá efeitos, neste caso, evitar a morte via pecados. No entanto, o auditório novamente não adere ao discurso e replica: “Quem és tu?”. Essa pergunta retórica certamente atinge o nível das qualidades do orador. Provavelmente, o auditório não encontrou no orador Jesus caracteres como legitimidade, legitimação, captação, nem credibilidade para que se deixasse persuadir. Mesmo com todo o empreendimento retórico do orador, os fariseus parecem não acreditar nas palavras ditas por Jesus, razão por que esse mestre continuou a sua tarefa argumentativa em busca de conquistar a anuência dos chamados doutores da lei.

No último trecho desse fragmento retórico, é posto: “Isso mesmo que já desde o princípio vos disse. Muito tenho que dizer e julgar de vós, mas aquele que me enviou é verdadeiro; e o que dele tenho ouvido, isso falo ao mundo”. Esse momento final do ato retórico de linguagem é construído por meio do discurso do orador, de maneira contundente. Ele cria uma imagem de si (*ethos*) de juiz, visto que irá julgar o auditório e certamente o condenará, haja vista a não aderência ao seu discurso. Ainda vemos que Jesus, por meio do argumento de autoridade, afirma que alguém lhe enviou, neste caso, o “Pai”, como vimos no primeiro

ato retórico de linguagem. Logo, o orador credita a Deus as coisas que fala e isso, retoricamente, almeja produzir efeitos de verdade em um auditório demasiadamente religioso. O orador assume que tudo o que ouve de Deus fala ao mundo. Por isso, entendemos que Jesus novamente desperta um *ethos* de guia-profeta, isto é, de alguém que é porta-voz de Deus e anuncia aos pecadores as novidades do mundo sobrenatural. As artimanhas persuasivas desse orador estão calcadas nas crenças, nos valores compartilhados por ele próprio e, sobretudo, pelo auditório, constituído por pessoas extremamente adeptas à religião, neste caso, a judaica.

Este segundo ato retórico de linguagem é construído com base no *ethos*, *logos* e *pathos*, com destaque para o primeiro componente da trilogia. O orador utiliza expressivamente esses artifícios retóricos, visando, em última instância, angariar a adesão de um auditório que se mostra difícil de ser persuadido. Argumentos baseados nas provas retóricas foram postos por Jesus, mas o auditório decidiu por não aceitar tais visadas argumentativas. O desfecho desse polêmico embate conflituoso poderá ser visto no terceiro momento retórico.

### Ato retórico de linguagem 3:

Jesus respondeu: Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória não é nada; quem me glorifica é meu Pai, o qual dizeis que é vosso Deus. E vós não o conheceis, mas eu conheço-o. E, se disser que o não conheço, serei mentiroso como vós; mas conheço-o e guardo a sua palavra. Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se. Disseram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão? Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou. Então pegaram em pedras para lhe atirarem; mas Jesus ocultou-se, e saiu do templo, passando pelo meio deles, e assim se retirou. (BÍBLIA SAGRADA, 1999, p. 85)

Neste último ato retórico de linguagem, o orador Jesus insiste na busca pela conquista da adesão de seu auditório composto por fariseus. A argumentação permanece centrada na tese defendida por Jesus, neste caso, a declaração de ser filho de Deus, profeta e alguém glorificado pela divindade. O orador advoga: “Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória não é nada; quem me glorifica é meu Pai, o qual dizeis que é vosso Deus. E vós não o conheceis, mas eu conheço-o”. Percebemos que Jesus retoma os dizeres anteriores acerca da importância de não se autoglorificar, mas deixar que outra pessoa reconheça a glória de outrem, pois se assim não o fosse, teríamos uma contradição, incompatibilidade. A seguir, o orador traz à baila um argumento de autoridade, ao afirmar que seu “Pai” é a pessoa quem lhe glorifica. Jesus, neste caso, postula que o “Pai”, por meio do argumento quase lógico da definição, é o Deus dos fariseus. Estrategicamente, o orador assevera que tem o crivo “glorificado” da divindade reverenciada pelo próprio auditório. Ademais, enfatiza ser conhecedor de Deus, em detrimento do auditório que, segundo o orador, não tem esse mesmo

conhecimento. Apresentada dessa maneira, a argumentação de Jesus suscita uma imagem de si (*ethos*) inscrita novamente no guia-profeta, que possui uma relação próxima com Deus. Ao mesmo tempo, cria-se a imagem negativa do auditório (*anti-ethos*), como não conhecedor de Deus.

Como o orador estava percebendo que o auditório não apresentava abertura em seu campo passional para aderir ao discurso persuasivo, ele se utiliza de uma argumentação mais contundente, ao enunciar: “E, se disser que o não conheço, serei mentiroso como vós; mas conheço-o e guardo a sua palavra”. Constatamos, nessa perícopé, que o orador recorre ao argumento quase lógico da comparação, a fim de ratificar o *anti-ethos* do auditório. Nesse sentido, Jesus qualifica os fariseus como mentirosos, ao passo que se reveste das imagens (*ethé*) de homem sério, verdadeiro, que “guarda a palavra” de Deus, algo supostamente não realizado pelos fariseus. Implicitamente, podemos notar outra vez a menção ao *ethos* de guia-profeta, que anda de acordo com as palavras ouvidas por intermédio de uma divindade. Explicitamente, verificamos esse mesmo *ethos* na seguinte asserção: “Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se”. Nessa sequência retórica, o orador evoca o nome do patriarca Abraão, considerado, na religião judaica, como um dos mais importantes nomes da história dessa religião. De maneira polêmica, Jesus postula que Abraão viu o seu dia e ficou alegre. Mais uma vez, o argumento de autoridade é posto de maneira persuasiva, pois Abraão é considerado o “Pai” das nações, especialmente, do povo judeu e se esse patriarca atestou a importância de Jesus, por regra de justiça, os fariseus, enquanto “filhos de Abraão”, também deveriam seguir o exemplo de seu “Pai” e fazer o mesmo.

No entanto, não foi isso o que aconteceu. Após as asserções conflituosas apregoadas por Jesus, o auditório se manifestou e fez uma pergunta retórica ao orador: “Ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão?”. Essa indagação se justifica pelo fato de o auditório não acreditar nos poderes sobrenaturais de Jesus. Se esse mestre nazareno fosse mesmo profeta, certamente poderia ter tido uma visão acerca disso. Assim, os fariseus se utilizam do argumento quase lógico da incompatibilidade, para questionar esse discurso do orador, pois parece algo improvável aos olhos estritamente humanos. A diferença de anos entre a época de Abraão e Jesus estava inscrita em aproximadamente mil e quinhentos a dois mil anos. Por isso, era impossível ao jovem galileu ter convivido com o patriarca hebreu. Em seguida, Jesus responde ao questionamento da seguinte maneira: “Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou”. O orador atesta seu *ethos* de guia-profeta, afirmando que é alguém possuidor de poderes sobrenaturais, capaz até mesmo de vivenciar o passado e o futuro de maneira escatológica. Jesus se coloca anterior à Abraão e, ao fazer isso, evoca um

argumento de autoridade, fundamentado em um dos nomes do Deus dos judeus “Eu sou”. É possível verificarmos que o orador se coloca em pé de igualdade com Deus, haja vista a utilização do mesmo nome referenciado no livro de Êxodo 3: 14, quando se afirma: “Disse Deus a Moisés: Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês”.

Após formular um *ethos* divino, o orador despertou a paixão do ódio em seu auditório, como podemos observar no trecho: “Então pegaram em pedras para lhe atirarem; mas Jesus ocultou-se, e saiu do templo, passando pelo meio deles, e assim se retirou”. Quando o auditório não conseguiu mais contra argumentar, buscou na violência os meios possíveis para vencer o dissenso. No entanto, como aprendemos com o mestre Aristóteles e seus sucessores latinos (Cícero e Quintiliano) a retórica e a argumentação não são efetivadas por meio da força física, mas por meio do discurso, da arte de argumentar. Não podemos, em hipótese alguma, afirmar que o orador Jesus conseguiu convencer e persuadir o seu auditório, longe disso. O que aconteceu foi um desacordo argumentativo, pois o auditório não aceitou as investidas do orador e por isso não se deixou comover pelos meios retóricos utilizados por Jesus, com exceção unicamente da paixão do ódio.

Elementos retóricos ligados ao *ethos*, *logos* e *pathos* foram postos no discurso argumentativo pelo orador, mas eles não conseguiram lograr o êxito esperado. Jesus manifestou diferentes imagens de si (*ethé*), sobremaneira o de guia-profeta, mas isso não foi o suficiente para conquistar a adesão pretendida. Argumentos foram encadeados, paixões foram engendradas, mas o auditório manteve-se indomável e não aceitou aderir às visadas argumentativas encadeadas pelo jovem orador nazareno.

### Considerações finais

Neste trabalho, analisamos de que maneira o orador Jesus de Nazaré agiu retoricamente durante atos retóricos de linguagem encenados durante o encontro conflituoso com os fariseus, conforme narra o capítulo 8 do evangelho segundo João. Os fariseus, em vários momentos, também se utilizaram de procedimentos argumentativos, almejando destruir os argumentos enunciados por Jesus. As análises revelam que o orador ancorou-se nas provas retóricas *ethos*, *logos* e *pathos*, para engendrar suas visadas argumentativas ante seu auditório. Dessa trilogia, notamos que o *ethos* de guia-profeta foi o mais utilizado, pois Jesus insufla seu discurso por meio de questões ligadas ao universo sobrenatural, ao passo que desqualifica tudo que pertence ao nível meramente humano, terreno, e, nesse âmbito, estão os doutores da lei, os fariseus.

No tocante ao *logos*, vimos o uso expressivo de argumentos persuasivos lançados com a intenção de conquistar a adesão do auditório. Destacamos o argumento *ad hominem*, haja vista a recorrência desse argumento por parte do orador, mas também do auditório. Ambos os lados almejavam, a todo o tempo, mostrar as possíveis contradições nos discursos proferidos. Isso mostra, em parte, que o confronto polêmico entre o orador e o auditório estava fundamentado em asserções que, de alguma maneira, não correspondiam com a “verdade” dos fatos: ou Jesus estava certo, ou os fariseus é quem estavam. Por isso, com o objetivo de se mostrarem como “donos da verdade”, orador e auditório digladiaram retoricamente. Jesus era judeu e, de forma contundente, vociferou contra a própria religião e seus guardiões. Para provar suas críticas ferrenhas, decidiu argumentar por meio de alegações fundamentadas no próprio Judaísmo.

Consideramos, também, a incursão ao *pathos*, que é o terreno das emoções por excelência. Observamos nos atos retóricos de linguagem que a paixão da confiança foi a mais cobiçada pelo orador Jesus, mas certamente ele não conseguiu, em nenhum momento, despertá-la em seu auditório. Os fariseus, enquanto auditório, não se identificaram com o discurso de Jesus, razão por que não foram movidos pela referida paixão. Sem confiança, não é possível conquistar a adesão do auditório para que este possa realizar ações em comunhão com os desígnios do orador. Entretanto, constatamos que a paixão do ódio foi despertada por meio do discurso, até porque o auditório deixou de lado a argumentação e tentou atacar fisicamente o orador. Isso nos permite afirmar que o ódio, neste caso específico, abdica do ato de argumentar e imprime o caráter agressivo, o que culmina com a ausência da retórica.

Portanto, defendemos que Jesus de Nazaré é sim um orador por excelência, pelo fato de, por meio do discurso, escolher e aplicar estratégias discursivas calcadas no tripé retórico, capazes de despertar efeitos deveras persuasivos no auditório idealizado. Assim, por meio desse estudo, convidamos pesquisadores da Análise do Discurso contemporânea, da Argumentação, da Retórica, entre outras áreas do conhecimento, a conduzirem pesquisas que investiguem as artimanhas persuasivas presentes nos discursos de Jesus, que é considerado um dos mais importantes homens da história da humanidade. Almejamos que os resultados provenientes desse trabalho possam contribuir com novas pesquisas sobre esse jovem profeta de Nazaré, cuja morte foi motivada pelo fato de ensinar uma doutrina diferente. Jesus de Nazaré deu início, por meio da linguagem, a uma obra que certamente nunca terá fim.

#### ACTOS RETÓRICOS DEL LENGUAJE EN LOS DISCURSOS DEL ORADOR JESÚS DE NAZARETH

**RESUMEN:** Este trabajo analiza los actos retóricos del lenguaje del orador Jesús de Nazareth desde el *ethos*, el *logos* y el *pathos*, trilogía aristotélica presente en el discurso teológico del capítulo 8 del evangelio según Juan.

Metodologicamente, utilizamos uma investigação básica em quanto a la finalidad; descriptiva e interpretativa, en cuanto a los objetivos; y cualitativa, en cuanto al enfoque. A continuación, se procedió al análisis a partir de tres actos retóricos del lenguaje, que muestran la acción argumentativa entre el hablante y el público. Los resultados muestran que Jesús, como orador, recurre constantemente a dispositivos retóricos y argumentativos, los que se basan en la trilogía aristotélica, para lograr el éxito en su discurso. Sin embargo, el público también recurrió a técnicas argumentativas, con el objetivo de destruir los argumentos del orador. Así, nos damos cuenta de que el orador Jesús no pudo persuadir, porque el público, cerca del final del acto retórico, decidió actuar mediante la violencia física en lugar de argumentar.

**PALABRAS CLAVE:** Argumentación; Discurso teológico; Jesús de Nazareth; Persuasión

## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. Tradução Angela M. S. Corrêa et al. São Paulo: Contexto, 2020.
- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazio Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. 12. ed. Campinas/SP: Papirus Editora, 2005.
- ARIAS, Juan. *Jesus, esse grande desconhecido*. Tradução de Rubia Prates Goldoni. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.
- CÍCERO. Do orador. Tradução de Adriano Scatolin. In: SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. Tradução: Renato de Mello. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia. *As emoções no discurso*. v. II. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 23-56.
- \_\_\_\_\_. *Discurso político*. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Tradução de André Cardoso. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- EHRMAN, Barth. *Jesus existiu ou não?* Rio de Janeiro: Agir, 2014.
- FERREIRA, Luiz Antônio. *Leitura e persuasão: princípios de análise Retórica*. São Paulo: Contexto, 2015.
- FIGUEIREDO, Maria Flávia. Ampliação e aplicabilidade analítica da “trajetória das paixões”. In: FIGUEIREDO, Maria Flávia; GOMES, Acir Matos; FERRAZ, Luana. (org.). *Trajetoária das paixões: uma retórica da alma*. Franca: Unifran, 2020. p. 29-55.
- MAINGUENEAU, Dominique. A noção de ethos discursivo. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-32.
- MEYER, Michel. *A retórica*. São Paulo: Ática, 2007.

FERREIRA, Moisés Olímpio. *A arte retórica nos discursos do apóstolo Paulo*. As estratégias de convencimento e persuasão frente à diversidade de auditórios. 2011. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MESTERS, Carlos. *Com Jesus na contramão*. 17. ed. São Paulo: Paulina, 2013.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. O discurso teológico como discurso constituinte. In: NASCIMENTO, Jarbas Vargas; FERREIRA, Anderson. *Discursos constituintes*. São Paulo: Blucher Open Access, 2020.

PERELMAN, Chain; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014 [1958].

PIRIS, Eduardo Lopes. *O ethos e o pathos no hipergênero "primeira página"*. Análise discursiva das edições de abril de 1964 dos diários Correio da Manhã e o Globo. 2012. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RENAN, Ernest. *Vida de Jesus*. Tradução de Eliana Maria de A. Martins. São Paulo/SP: Editora Martin Claret, 2004[1863].

ROCHA, Max Silva da; MOURA, João Benvido de. O orador Jesus de Nazaré o sermão do monte à luz da teoria semiolinguística. In: MOURA, João Benvido de; Rocha, Max Silva da. (org.). *Semiolinguística e retórica: interfaces*. Teresina/PI: Editora Pathos, 2021. p. 14-34. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/semiologuistica-e-retorica-interfaces/> Acesso em: 10 set. 2021.

SILVA, Lucas Nascimento. *O orador Jesus Cristo e suas técnicas argumentativas: um estudo retórico no Sermão do Monte*. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

SCHNIEDEWIND, William M. *Como a bíblia tornou-se um livro: a textualização do antigo Israel*. Tradução de Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2011.

TAYLOR, Justin. *As origens do cristianismo*. Tradução de Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2010.

Recebido em: 30/13/2021.

Aprovado em: 20/12/2021.